

MANIPULAÇÃO POLÍTICA

Lorieli Vasconcelos de Queiroz, 5º período

A manipulação torna-se uma maneira requerida para mobilizar as multidões. De fato, esse método é infalível, uma vez que o adepto torna-se uma vítima inconsciente, não tendo a oportunidade de defesa de seus ideais primários. Na esfera política, a manipulação de mentes humanas tem reflexos intensos, já que as decisões de um país podem afetar a sua relação com os demais, ou ainda envolver relações dentro do próprio território nacional.

Palavras-chave: discursos; relação de poder; conquista

Inserir adeptos a um objetivo particular é um verdadeiro desafio para líderes das mais diversas áreas. Trata-se de uma conquista de seguidores, o que requer bons discursos, argumentos e propagandas convincentes.

Assim, a manipulação torna-se uma maneira requerida para mobilizar as multidões. De fato, esse método é infalível, uma vez que o adepto torna-se uma vítima inconsciente, não tendo a oportunidade de defesa de seus ideais primários.

Na esfera política, a manipulação de mentes humanas tem reflexos intensos, já que as decisões de um país podem afetar a sua relação com os demais, ou ainda envolver relações dentro do próprio território nacional. Observando as estratégias para obtenção de votos, percebe-se a técnica do convencimento recheada de manipulação, o que chama a atenção para um estudo mais aprofundado desses métodos persuasivos e suas consequências.

Diante da grandeza das duas grandes guerras, a população mundial precisou de um direcionamento a ser seguido. E muitos encontraram esse “norte” em figuras como Adolf Hitler e Benito Mussolini. O conflito se tornava cada vez mais árduo, transformando as fronteiras internacionais gradativamente, como o surgimento da Polônia e Finlândia.

Assim, além dos sentimentos de medo e incerteza a população europeia ainda confrontava com a transformação de suas identidades nacionais em outras. Portanto, era o momento ideal para aplicação de técnicas de manipulação por líderes para conseguir adeptos às suas causas, como o

exército nazista e alinhamentos internacionais, a exemplo do presidente argentino Perón, que secretamente se considera fascista.

No Brasil, o cenário conturbado da política café-com-leite, resultado na revolução de 30 que ascendeu Getúlio Vargas ao poder. Em seu governo provisório (1930-1934), mostrou-se um líder radical, ao fechar o Congresso Nacional, e ao tirar o “direito de voz” do povo brasileiro.

Em 1937, manipulou a população fazendo-a crer na descoberta de um falso Plano Cohen comunista, deixando o país em um estado de emergência que permitiu decretar o Estado Novo.

Fernando Collor e Getúlio Vargas usaram ambos de uma política populista, porém o primeiro usou da sedução e não do medo em suas campanhas políticas esportivas, com seu porte atlético para conquistar os votos femininos.

Na atualidade, as campanhas brasileiras levam ao poder candidatos melhores patrocinados. Uma vez que o mundo capitalista, no qual vivemos usa a propaganda como a alma do negócio. Dessa forma, candidatos com projetos de campanhas revolucionários perdem espaço na mídia e conseqüentemente votos.

Nos Estados Unidos da América, onde o sistema capitalista tem seu maior anfitrião, uma característica que se sobressai é a presença de um espírito de competitividade. Isso se reflete nas campanhas eleitorais, republicanas e democratas, ambas fazendo referências em seus discursos à crise econômica em que o país se encontra.

O Dicionário de Bobbio de 1998 define manipulação como:

“Uma relação em que A determina um certo comportamento de B, sem que, ao mesmo tempo, A solicite abertamente esse comportamento a B mas antes esconda sua intenção de obtê-lo (ou então a natureza de sua ação para conseguir), e sem que, por outro lado, B note que o seu comportamento é querido por A (ou então que é provocado pela intenção de A), mas antes acredite que é ele que escolhe livremente (ou mediante uma decisão consciente).”

Entre outras técnicas, temos a comparativa, sempre visualizada em discursos públicos, seja comparando gestões passadas ou até mesmo igualando pessoas a animais não racionais. A Hitler era preferível falar a

grandes massas, acreditando que em multidões o sentimentalismo ultrapassava a razão.

“A propaganda hitleriana mergulha suas raízes nas mais obscuras zonas do inconsciente coletivo, ao gabar a pureza do sangue, ao glorificar os instintos elementares de violência e destruição, ao renovar por meio da cruz gamada remotíssima mitologia solar. Hitler é a força, a única força real, e como toda gente está com ele, é preciso que faça o mesmo, eu, homem da rua, se não quiser ser esmagado.”¹

Os temas defendidos nos discursos nazistas eram os mais variáveis possíveis, da idéia da raça superior, à represália ao considerado injusto Tratado Versalhes e até mesmo questões feministas (chegando a afirmar que quando o partido atingisse o poder, cada mulher alemã teria um marido), abarcando o maior número de temas possíveis e conseqüentemente aumentando cada vez mais o número de adeptos.

Durante as décadas de 30 e 40, o mundo presenciava nas oratórias nazistas a ênfase nas metáforas com intuito de inferiorizar as vítimas, remetê-las a seres considerados hierarquicamente rebaixados, como insetos. Em abril de 1943, Himmler (comandante do Reich SS e organizador do Holocausto) discursou para um grupo de médicos alemães, que ainda possuíam medo de executar as ordens devido às conseqüências médicas:

“O anti-semitismo é como os piolhos. Livrar-se deles, não é apenas uma questão de filosofia. É uma questão de limpeza. Em breve estaremos livres deles. Faltam 20.000 piolhos e nós vamos exterminá-los pelo bem da Alemanha!”
“Um bom médico retira com bisturi um apêndice cheio de pus para salvar um homem não é? Bem, os judeus são o apêndice cheio de pus da Europa.”²

Assim, tornava-se mais fácil ou menos doloroso exterminar os classificados como não-arianos, uma vez que sobre eles foi imposta uma imagem animalesca, subumana. Acarretando uma amenização na culpa pela morte daqueles seres humanos. Então, a população induzida por novos ideais começava a crer nas “questões de limpeza” e considerá-las como urgentes e necessárias.

Ademais, sob os germânicos foi inserido o direito ao Espaço Vital³, fazendo-se ainda mais preciso a “faxina” no território, para que a raça superior

alcançasse tal terreno pudesse reinar em paz com seus iguais. Logo, a idéia de uma raça superior, também manipulava as pessoas a seguirem e realizarem atos nazistas sem remorso, seguindo o tripé doutrinário do momento histórico: sangue, seleção e firmeza.

“no dia em que nós tivermos esquecido a lei fundamental de nossa raça, no dia em que tivermos esquecido os princípios sagrados de seleção e austeridade, neste dia o germe da morte estará entre nós.”²

Com uma imagem internacionalmente conhecida como um líder forte, lutando firmemente pela sua nação e com apoio de seu Ministro da Propaganda Goebbels o qual doutrinava: “Fazer propaganda é falar de uma idéia por toda parte até nos bondes. A propaganda é ilimitada em suas variações, em sua flexibilidade de adaptação e efeitos”, Adolf Hitler foi conquistando adeptos e simpatizantes a suas causas. Nas palavras do próprio ministro: “uma mentira contada cem vezes torna-se verdade”, indicam o alto grau de manipulação conseguido ao injetar na população germânica ideais que iam de encontro a moralidade e humanitarismo, e por isso cometiam barbarias sem preocupação com as noções de ética.

“Com efeito, ao jogar sucessivamente com os dois pólos da vida nervosa, o terror e a exaltação, os nazistas acabaram por dominar à vontade o sistema nervoso das massas populares, internamente e no Exterior. Isso, finalmente, deriva de um idêntico estado psicológico ambivalente que, do medo ao entusiasmo, passa por todos os graus. Entre os homens que seguiam Hitler até o fim e por ele morriam, muitos, por certo, o tinha odiado; os processos e o ritmo da propaganda, contudo, os tinham hipnotizado e arrancado a si mesmos. Condicionados até a medula, haviam perdido a possibilidade de compreender, de odiar. Não amavam nem detestavam Hitler, na verdade: fascinados por ele, tinham-se tornado autômatos em suas mãos.”¹

Após a Primeira Guerra, a Itália encontrou-se em um cenário de calamidade econômica e social. Foram perdidos aproximadamente 700 mil soldados, além dos feridos e as dívidas frutos de empréstimos realizados junto à Inglaterra e aos Estados Unidos, o país detinha elevados índices de inflação e desemprego. Diante desse sentimento de incerteza e insegurança, o povo italiano não tinha outra esperança além de apoiar-se em um líder de imagem forte e discursos repletos de uma nação reestruturada como outrora. E foi

nesse clima de fragilidade nacional onde Benito Mussolini encontrou as mentes abertas para implantar seus ideais, fundando em 1921 o Partido Nacional Fascista. Muitos industriais financiaram a criação do partido acreditando nas palavras de Mussolini que apresentava soluções para a crise italiana. Nessa situação irregular do Estado italiano, os discursos fascistas faziam a população lembrar de episódios como os Camisas Vermelhas, os quais mesmo com um exército de apenas mil homens, armados com utensílios civis e não de guerra, ainda assim venceram várias batalhas rumo à unificação italiana, o destino da nação ficaria mais protegido no misticismo patriótico e heróico de Mussolini, alimentados pelos exemplos históricos de vitória. “Camisas vermelhas em ação, apesar de armas antiquadas, os “Mil” de Garibaldi derrotaram o exército mais numeroso dos Bourbons”⁴.

Durante o século XIX, o território italiano encontrava-se em constante luta em nome da Unificação Italiana, o movimento elevou o sentimento nacionalista e formou exércitos que lutavam em nome do bem nacional, cujo grande representante era Giuseppe Garibaldi, líder dos chamados Camisas Vermelhas. Dessa forma, além de aproveitar-se da fraqueza do povo italiano naquele momento pós-guerra, para se auto-intitular “salvador da pátria”, Mussolini ainda usou da técnica de voltar ao passado histórico vitorioso para encorajar seus compatriotas a aderirem a novas causas em nome do bem da Itália, como dizia o primeiro ministro do Piemonte na época da unificação, Camillo di Cavour “O nacionalismo da Itália é mais forte que o sentimento de liberdade”.

Já no chamado período Vargas (1930-1945), o povo brasileiro precisou adaptar-se a vontades de um líder que desde o seu mandato soube bem aproveitar as ocasiões para injetar idéias nos brasileiros. Após a Revolução de 30, Vargas atendeu aos pedidos dos revolucionários e elaborou uma nova Constituição, porém esta estabelecia que após sua promulgação o primeiro presidente seria eleito de forma indireta pela Assembléia Constituinte. Dessa forma, assumiu o poder na forma constitucional, sem muitos atropelos por parte da população satisfeita pela nova Constituição, a qual antes havia sido anulada pelo próprio Getúlio Vargas, o novo conjunto de leis desviou a atenção do

povo, de tão entusiasmado não deu a devida importância ao novo período do governo brasileiro que prosseguiria até Estado Novo.

“O elemento primordial do controle social é a estratégia da distração que consiste em desviar a atenção do público dos problemas importantes e das mudanças decididas pelas elites políticas e econômicas, mediante a técnica do dilúvio ou inundações de contínuas distrações e de informações insignificantes.”⁵

Em novembro de 1935, o governo divulga a Intentona Comunista, era a resposta aos setores militares comunistas existentes no país, como o grupo político Aliança Nacional Libertadora (ANL) “A Intentona Comunista serviu de pretexto para o governo torna-se ainda mais autoritário, em nome do “perigo comunista” foram presos milhares de sindicalistas, operários, militares e intelectuais acusados de atividades subversivas contra o governo”⁶.

Em setembro de 1937, com as eleições se aproximando, o governo cria uma farsa para acabar de vez com o espírito democrático, divulgando ter encontrado um perigoso plano comunista, o Plano Cohen. Vargas tinha assim “carta branca” para lutar contra esse maléfico plano para lutar em prol do Brasil, anunciando tomar medidas drásticas e incalculáveis contra os comunistas, fecha novamente a Assembléia e outorga a Constituição, decretando o Estado Novo. Diante desse dilema, o povo brasileiro com medo o “perigo comunista”, nada pode fazer contra a imposição do novo período totalitarista (1937-1945)

“O método de criar problema para depois dar solução, também é chamado “problema-solução-reação”. Se cria um problema, uma “situação” prevista para causar uma certa reação no público, a fim de que este seja mandante das medidas que deseja para aceitar. Por exemplo: deixar que se desenvolva ou se intensifique a violência urbana, ou organizar atentados sangrentos, a fim de que o público seja mandante de leis de segurança e de políticas de prejuízos da liberdade. Ou também: criar uma crise econômica para fazer aceitar como um mal necessário o retrocesso dos direitos sociais e o dismantelamento dos serviços públicos.”⁵

Tão consciente do poder da propaganda como forma de influencia nas atitudes humanas, Vargas cria o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), para controlar órgãos publicitários no país, em 1941. A Rádio Nacional, principal veículo de propaganda da época, foi usada como aparelho de

manipulação ideológica de longo alcance. Além de revisar o sistema escolar editando livros didáticos, censurar comerciais e propagandas de televisão, exilando os que fossem de encontro com os novos ideais, fazendo o povo perder sua liberdade de expressão, prejudicando a arte literária e musical. Monopolizando a divulgação de idéias e opiniões contra os acontecimentos realizados pelo governo.

No início dos anos 90, o Brasil reconquistou o direito de voto, após quase 30 anos sem eleições diretas presidenciais. Entre os candidatos estavam o atual presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva pelo PT (Partido dos Trabalhadores) e Fernando Collor de Melo pelo PRN (Partido da Renovação Nacional).

Alagoano, pouco conhecido no ramo político nacional, muito jovem e com a peculiaridade de não pertencer a nenhum grupo tradicional, foi eleito em meio a grandes nomes de candidatos graças a uma campanha eleitoral memorável. A aparência os líderes públicos é fundamental importância para elevar o caráter de alguém que cresceu na vida, pessoa responsável e de confiança para questões nacionais, assim como a postura e oratória quando em conjunto com a imagem do candidato fazem dele uma boa aposta presidencial para as massas.

“Com a construção de uma imagem positiva dos presidentes, esperava-se conseguir despertar a confiança da população para suas decisões, explicações e esclarecimentos. Pretendia-se obter, também, a submissão às convocações de mobilização para o trabalho e apoio ao governo.”⁷

Fazendo uma singela comparação entre a antiga aparência do candidato derrotado por Collor, e sua atual imagem exibida, notamos claramente que Lula mudou de revolucionário com roupas alternativas e voz alta para pessoa responsável, formal e com discursos calmos, garantindo-lhe mais confiança e conseqüentemente seu segundo mandato consecutivo. Assim como o atual presidente a aposta na imagem garantiu bons frutos para Collor, que venceu seus adversários mais experientes e prestigiados. “O presidente Collor conquistou grande parte de seu eleitorado passando a imagem de um político jovem e renovador” (Cotrim, 2002).

Quais as conseqüências de votar em alguém sem praticamente carreira política, simplesmente pelo impulso causado pela imagem de um candidato

forte de caráter e físico? A resposta veio através de um acontecimento que marcou a história nacional, o impeachment⁵ e conseqüentemente o movimento estudantil “caras pintadas”. “Manipulando com habilidade a estratégia do marketing político, em dois meses Collor era conhecido por 77% da população e candidato preferido de 35% da mesma”⁴

No Brasil, país multicultural e considerado democrático, a eleição é transformada em um grande acontecimento pela mídia e pela própria população. É momento de todos se concentrarem em nome do futuro da nação, porém, infelizmente, nem todos os eleitores têm consciência do poder e responsabilidade do voto, o qual decidirá o destino dele mesmo e de seus compatriotas durante o período de candidatura. Deixam-se, assim, influenciar pela algazarra de certos candidatos que ofuscam a seriedade do momento eleitoral com candidaturas recheadas de brincadeiras e falta de ética política. É notável a presença de utilização de pseudônimos por parte dos candidatos e discursos comediantes, alcançando votos de pessoas indecisas ou sem candidatos efetivos, ou ainda para realizarem o chamado voto de revolta.

Essa estratégia de manipulação para obter votos, pode ainda ser usada para distrair o público, o qual influenciado pelas elites se distrai e com tal empecilho os candidatos fortes perdem parte de seus votos.

“O elemento primordial do controle social é a estratégia da distração que consiste em desviar a atenção do público dos problemas importantes e das mudanças decididas pelas elites políticas econômicas, mediante a técnica do dilúvio ou inundações de contínuas distrações de informações insignificantes.”

“A estratégia de distração é igualmente indispensável para impedir ao público de interessar-se pelos conhecimentos essenciais na área da ciência, economia, da psicologia, da neurobiologia e da cibernética.”⁸

Nas campanhas políticas realizadas nos Estados Unidos, em 2008, os discursos foram repletos de citações sobre o maior desejo dos norte-americanos, a segurança nacional. Após o atentado do 11 de setembro a população ficou intensamente marcada pelo medo e insegurança nacional. Quando a potência foi atingida, os candidatos precisaram implantar em sua oratória palavras de conforto e transmitir a busca pelo sentimento de proteção. Ganhando votos a partir da falta da racionalidade causada pelo estado de

fraqueza emocional devido o acontecimento, substituindo a reflexão pelo aspecto emocional.

“Fazer uso do aspecto emocional é uma técnica clássica para causar um curto circuito na análise emocional, e por fim ao sentido crítico dos indivíduos. Além do mais, a utilização do registro emocional permite abrir a porta de acesso ao inconsciente para implantar ou enxertar idéias, desejos, medos e temores, compulsões ou induzir comportamentos.”⁸

Assim, notamos que o uso de técnicas para obtenção de adeptos a situações político-religiosas, causa a manipulação de consciências , como a boa e direta relação entre candidatos e eleitores somente durante o período de campanhas políticas, interesses ocultos e técnicas de propagandas em geral. Deixando obscuro o peso e a responsabilidade de concordar com as causas que transformam direto ou indiretamente o cenário internacional.

Notas:

1 – DOMENACH, Jean Marie. A Propaganda Política. 2ed. Tradução de Ciro T. de Pádua. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

2 – AZIZ, Philippe. Os Médicos da Morte. Vol.1 Rio de Janeiro: AGGS, sem data.

3 – Espaço Vital: espaço expandido militarmente, considerado por Hitler de direito legítimo do povo alemão.

4 – Disponível no Livro Grandes Acontecimentos que Marcaram o Mundo. Seleção Readgest Digest.

5 – Impeachment: termo em inglês que denomina a cassação de mandato.

6 – COTRIM, Gilberto. História Brasil e Geral. São Paulo: Saraiva, 2002.

7- GARCIA, Nelson. Propaganda: Ideologia e Manipulação. Editora Brasiliense, 1999.

8 – Artigo: As Estratégias de Manipulação. Disponível: www.midiaindependente.com.br acessado em 2009